

BOURDIEU, UM OLHAR MARXISTA

BURAWOY, Michael.

O Marxismo encontra Bourdieu
Campinas: Editora da Unicamp, 2010, 183 p.

POR

Leda Maria de Oliveira Rodrigues¹

Michel Burawoy reavalia a teoria de Bourdieu quando esta já é reconhecida mundialmente. Para isso, revisita autores de seu conhecimento estabelecendo um diálogo entre eles e de cada um deles com Bourdieu. A teoria marxista é o parâmetro de comparação, pois os autores revisitados se consideram marxistas: Karl Marx, Antonio Gramsci, Frantz Fanon, Simone de Beauvoir e Wright Mills. Além disso, o autor discute as bases de suas próprias pesquisas, comparadas com Bourdieu e com a teoria marxista.

A análise de Burawoy, a meu ver, tem um fio condutor que perpassa todos os autores, caracterizado por dois pontos: a preocupação de Bourdieu de isolar a sociologia do mundo social, defendendo a autonomia da universidade — uma ciência para os cientistas — e o desvendar da exploração das classes dominadas, chave da transformação social capitalista.

Retomando Marx e Engels, Burawoy destaca as convergências e divergências entre eles e Bourdieu. Sinteticamente podemos dizer que o autor teve o mérito de mostrar como Bourdieu completou a obra de Marx, ou seja, o estudo das superestruturas sociais, com uma análise mais estrutural e funcional e não somente histórica.

No diálogo entre Bourdieu e Gramsci o autor esclarece que as convergências são muitas: ambos repudiaram o determinismo histórico de Marx; desenvolveram concepções sofisticadas sobre as lutas de classe; focaram o mesmo aspecto social

¹ Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade; da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. ledamor@uol.com.br

– que Gramsci chamou de superestruturas do capitalismo, e Bourdieu de campos de dominação simbólica. Tanto um como outro deram pouca importância à economia e centraram suas análises nos efeitos dela. Ambos se interessaram pelas questões de dominação e reprodução da dominação. Procuraram também definir o papel dos intelectuais na política, ou seja, o lugar que ocupam na reprodução e na transformação da ordem social.

Burawoy desvenda uma diferença importante entre o conceito de violência simbólica de Bourdieu e o conceito de hegemonia de Gramsci. Violência simbólica para Bourdieu significa desconhecimento da dominação como tal, para Gramsci hegemonia implica o consentimento consciente à dominação. Gramsci admite o bom senso dentro do senso comum da classe operária, enquanto que para Bourdieu o senso comum era sempre o mau senso, no mau sentido. Assim, os dominados jamais entenderiam as causas da dominação. Somente os intelectuais teriam a chave dos segredos da sociedade e da dominação sobre a qual ela se assenta; já os indivíduos dominados estariam cegos e surdos por sua submissão. Aqui Bourdieu sinaliza certo desprezo pelo conceito de intelectual orgânico de Gramsci.

No capítulo seguinte, Burawoy, por meio de suas pesquisas etnográficas, procura compreender se é possível e, nesse caso, como ocorre a fabricação do consentimento da exploração, tentando assim verificar a tese de Gramsci (consciência da dominação) e de Bourdieu (desconhecimento da dominação).

A partir da observação das relações de trabalho realizada em regimes despóticos de fábrica, o autor demonstra que aí a exploração a partir da dominação é facilmente desenvolvida. Neste regime de trabalho, as regras do jogo são tão arbitrárias que impossibilitam o consentimento da dominação pela exploração. De outro lado, ambientes hegemônicos de trabalho são mais favoráveis ao consentimento da exploração, as certezas e as incertezas são fruto de um ambiente de trabalho relativamente autônomo, encobrendo a verdade objetiva do trabalho: a exploração.

O autor discorre ainda sobre a teoria bourdiesiana, especialmente sobre os conceitos de dominação simbólica e *habitus*. Para ele, estes conceitos não dão conta de analisar as condições da exploração do trabalhador no capitalismo. O primeiro, por desconsiderar as condições institucionais da exploração e o segundo, por considerar que as disposições, embora herdadas de um contexto anterior pela situação seguinte, não são tão determinantes como Bourdieu afirmava. Segundo o autor, as disposições (*habitus*) são colocadas num segundo plano devido a repetitivas e incessantes relações sociais, nas quais dominantes e dominados estão juntos. No momento em que a coesão entre as relações sociais se perde, o *habitus*

assume o controle. Assim, o *habitus* pode desempenhar papel coadjuvante na reprodução da dominação, mas pode desempenhar papel principal na criação de novas ordens sociais.

As observações realizadas apontam a tendência de submissão maior nas instituições de capitalismo avançado e de uma subversão nas instituições de socialismo estatal. Enquanto o capitalismo avançado organizava a mistificação simultânea da exploração e do consentimento à dominação, o socialismo buscava apresentar os interesses do estado como sendo interesses de todos. No entanto, percebia-se essa intenção como algo frágil e sempre ameaçado pela escandalosa transparência da exploração.

A comparação seguinte é entre Bourdieu e Frantz Fanon. Confronta aqui a idéia de colonialismo e revolução, a partir das experiências de Bourdieu e Fanon na Argélia, durante os conflitos pela libertação nacional. Bourdieu se insere na Argélia para desenvolver pesquisas sociológicas buscando resgatar a dignidade e aprofundando a verdade sobre a vida do colonizado. Fanon entra em contato diretamente com as vítimas da violência em ambos os lados das classes envolvidas no colonialismo. Ambos convergiram para a sociologia, mas ao mesmo tempo com certo interesse na psicologia como apoio da pesquisa sociológica. Esse interesse se expressa, segundo Burawoy, “tanto na nebulosa noção de *habitus* em Bourdieu como na influência da psiquiatria lacaniana em Fanon”. (p. 110)

Ao longo desse capítulo Burawoy desenvolve as formas como Fanon e Bourdieu analisam as possibilidades de libertação da Argélia do regime colonial. Apesar de suas diferenças, ambas as críticas ao colonialismo se aproximavam mantendo avaliações e explicações bastante próximas quanto à ordem colonial. Bourdieu via o fim do colonialismo a partir da transição da sociedade tradicional para a modernidade, enquanto Fanon enxergava a transformação colonial por meio do marxismo, como transição do capitalismo para o sistema socialista. Bourdieu entendia que essa transição em busca da modernidade envolvia a orientação rumo ao futuro, sendo este planejado racionalmente e dependente da classe trabalhadora urbana. O campesinato vislumbrava, no máximo, um futuro utópico da negação mágica e imediata do presente. Aqui, vemos a postura de Bourdieu voltada para um marxismo ortodoxo, segundo o qual a classe trabalhadora argelina seria naturalmente revolucionária por estar enraizada em um emprego estável. Por outro lado, ao campesinato desenraizado caberia, quando muito, uma rebelião espontânea e inconsciente. Esta é a principal discordância entre Fanon e Bourdieu, ou seja, em quais condições o colonialismo teria seu fim. Fanon acreditava na revolução a partir dos camponeses, classe revolucionária por

excelência, mesmo princípio da Frente de Libertação Nacional.

No penúltimo capítulo, Burawoy faz uma discussão entre Bourdieu e Simone de Beauvoir a partir de duas de suas publicações de extrema importância, a saber: *A dominação masculina* e *O segundo sexo*, respectivamente. Burawoy aponta como Bourdieu praticamente desconsidera o trabalho de Beauvoir, partindo de seu conceito de violência simbólica. Segundo Bourdieu, isto ocorreu em função da relação estabelecida entre ela e Jean-Paul Sartre, a quem teria delegado sua capacidade de produzir filosofia. Aponta esse aspecto como exemplo de violência simbólica, na constituição de uma relação patriarcal entre os sexos. Em função dessa violência, a autora não teria aplicado a análise que fez das relações entre homem e mulher na análise da relação estabelecida entre ela e Sartre. Em outras palavras, teria sofrido a dominação masculina a ponto de não desenvolver uma filosofia própria.

Burawoy aponta que dessa interpretação de Bourdieu sobre os trabalhos de Beauvoir pode ter decorrido o fato dele não citá-la em seu livro *A dominação masculina*, texto com muitas referências às inúmeras correntes do feminismo.

Bourdieu pode ser duplamente condenável, por não reconhecer que Beauvoir antecipou o feminismo da próxima geração e por não reconhecer que utilizou muito de suas idéias em *A dominação masculina* – o livro de Bourdieu foi escrito 50 anos depois de *O segundo sexo*.

Finalmente, Burawoy mostra como Bourdieu foi influenciado por Wright Mills e em que sentido ele pode ser considerado como “um Bourdieu estadunidense”, não obstante tenham vivido em épocas muito distantes. Dentre as convergências entre eles, Burawoy levanta a relação de ambigüidade que mantiveram com o marxismo. Eram contrários à figura do intelectual orgânico e desenvolveram seus trabalhos afastados do contato direto com o povo, defendendo a idéia do intelectual tradicional. Outra convergência importante se refere ao fato de que ambos os autores utilizaram em seus programas de pesquisa as mesmas categorias de estratificação social: classe trabalhadora, classes médias e as elites.

Ao contrário de Bourdieu e Mills, que excluem os intelectuais da sociedade considerando os intelectuais tradicionais isolados dos orgânicos, há também abordagens contemporâneas, como é o caso de Burawoy, que defendem a importância da interdependência entre eles.

Iniciantes e conhecedores do trabalho de Bourdieu devem ler o livro de Burawoy, pois este examina a obra de Bourdieu de forma clara e cuidadosa. Como sociólogo marxista não dogmático elabora críticas sem deixar de reconhecer a importância do marxismo na atualidade.